

A GÊNESE DA ESCOLA PARA ALUNOS ESPECIAIS CERENEPE

Renata da Conceição de Barros¹

Programa de Pós-graduação em Educação Lato Sensu, no núcleo de História da Educação pela UFPel.

renatinhacb21@yahoo.com.br

Introdução:

Esse trabalho é o início do artigo que está sendo desenvolvido no curso de especialização em Educação no núcleo de História da Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

Ao longo deste texto irei apresentar alguns aspectos importantes na implementação do CERENEPE “Centro de Reabilitação Neurológica de Pelotas”, que se deu em 02 de outubro de 1965. Apesar da denominação dessa instituição como Centro de Reabilitação de Pelotas, desde 1968, ela continua a ser chamada pelo nome inicial, mais especificamente como CERENEPE.

Conforme o art. 4º do Estatuto da instituição, a origem do CERENEPE está ligada ao chamado Programa Doman aplicado no Instituto Doman criado pelo Dr. Glenn Doman, na Filadélfia, nos Estados Unidos e trazido para o Brasil pelo Dr. Raimundo Veras, fundador do Instituto Nossa Senhora da Glória, hoje Instituto Veras, no Rio de Janeiro. O método exigia para sua aplicação, um elevado número de pessoas o que levou os pais dos alunos a uma proposta conjunta que, em pouco tempo, transformou-se em associação civil sem fins econômicos, destinada a atender às pessoas denominadas, na época, de “excepcionais”. Assim foi fundado, conforme Assembléia Geral de Fundação, o CERENEPE.

O grupo de alunos constituía-se, inicialmente, por de portadores de deficiência mental e física. Atualmente, é caracterizado por portadores de deficiência mental associada ou não à deficiência física.

O CERENEPE iniciou suas atividades em local cedido pela Maçonaria, após algum tempo funcionou em um prédio alugado e, posteriormente em um prédio doado. Atualmente funciona em sede própria construída na Rua Zola Amaro, 318, no

¹ Aluna do programa de Pós-graduação em Educação Lato Sensu, no núcleo de História da Educação pela Universidade Federal de Pelotas.

bairro três vendas, em terreno doado pela Prefeitura Municipal, sendo que os recursos para a construção foram oriundos de verbas públicas e comunitárias.

O interesse em desenvolver esta pesquisa surgiu a partir da história que constitui dentro desta instituição, pois durante o ano de 2002 fui voluntária nesta escola, e foi a partir desta experiência que optei por fazer o curso de Pedagogia, pois desta forma poderia um dia retribuir de alguma forma a experiência inesquecível que ela me proporcionou.

Nesta minha pequena trajetória dentro desta instituição pude perceber a sua imensa importância social, pois neste lugar os alunos com necessidades especiais recebem atendimentos psico-pedagógicos que são desenvolvidos através de programas escolares específicos e atividades complementares como: música, artes, educação física, dança e capoeira. Eles recebem, também, educação profissional onde são preparados e qualificados para o trabalho e atividades de independência para a vida diária através das oficinas de marcenaria, artesanato, culinária e de cursos de qualificação dentro e fora da escola.

Sendo assim, penso que este estudo seja importante para mim, pelos motivos já explicitados, para a comunidade da região, pois irão conhecer o importante papel do CERENEPE e para a própria instituição. Ao abordar aspectos da história do CERENEPE pretendo reconhecer o trabalho e os objetivos desta instituição, fazendo, assim, com que sua história não se perca. Pois tratando de sua história, principalmente de sua gênese, poder-se-á compreender como ela chegou ao momento em que se encontra, atualmente. Desta forma considero esta pesquisa relevante, pois, segundo MAGALHÃES (2005, p.98):

Na vida das sociedades, das instituições e das pessoas, a história é parte integrante da tomada de decisões e das reflexões quanto ao presente e ao futuro, e é factor de identidade. Tomando o presente/passado na sua complexidade e na sua gênese e analisando-o por uma lógica de múltiplas hipóteses de desenvolvimento futuro, por contraposição a esse mesmo futuro, o historiador procura conhecer e explicar toda complexidade dos fenômenos educativos, construindo um sentido para a história.

Desta forma pretendo investigar e desvelar o porquê de terem fundado o CERENEPE, quem contribuiu para sua fundação; quais dificuldades houve na sua formação; quem foram os primeiros alunos, e os primeiros funcionários e que serviço prestavam; quem foram os primeiros agentes educacionais; qual era a função primordial desta instituição; que atividades eles desenvolviam com os alunos;

quando ela passou a ser escola ou passou a prestar ensino para essas crianças, jovens e adultos, além de identificar em que diferentes prédios o CERENEPE, já prestou seu trabalho.

Este trabalho tem como base os estudos da História Cultural que percebe a história não mais como verdade ou em busca de uma verdade absoluta. Como afirma PESAVENTO (2004, p. 15-16) a história vive:

[...] uma era da dúvida, talvez, da suspeita, por certo, na qual tudo é posto em interrogação, pondo em causa a coerência do mundo. Tudo o que foi, um dia, contado de uma forma, pode vir a ser contado de outra. Tudo o que hoje acontece terá, no futuro, várias versões narrativas.

Para embasar teoricamente o presente trabalho serão utilizados, sobre tudo, autores ligados ao tema história das instituições de ensino. Desta forma as contribuições de AMARAL (2005), WERLE (2004) e MAGALHÃES (1998), serão de extrema relevância já que estes desenvolvem amplas pesquisas a respeito do referido tema. Como aponta AMARAL (2005, p. 23 e 24):

É urgente a compreensão da realidade e a busca de outros caminhos. Sendo assim, acredito na importância de investigações que levem à compreensão da escola na sua individualidade, inter-relacionada com o contexto onde se insere, mas com características internas específicas, onde as inovações que podem e devem implementar-se, são, também parte de sua história.

RAGAZZINI (2001) também está presente neste estudo, pois, este aborda sobre a importância das fontes na pesquisa em História da Educação:

... a fonte é o único contato possível com o passado que permite formas de verificação. Está inscrita em uma operação teórica produzida no presente, relacionada a projetos interpretativos que visam confirmar, contestar ou aprofundar o conhecimento histórico acumulado. A fonte provém do passado, é o passado, mas não está mais no passado quando é interrogada. A fonte é uma ponte, um veículo, uma testemunha, um lugar de verificação, um elemento capaz de propiciar *conhecimentos acertados* sobre o passado. (2001, p. 14).

LOPES e GALVÃO (2001) também embasarão este trabalho. As autoras apontam a diversidade de fontes que os historiadores em educação têm utilizado ao desenvolver suas pesquisas, pois segundo elas:

A história se faz a partir de qualquer traço ou vestígio deixado pelas sociedades passadas e que, em muitos casos, as fontes oficiais são insuficientes para compreender aspectos fundamentais: é difícil, por exemplo, senão impossível, penetrar no cotidiano da escola de outras épocas somente através da legislação ou de relatórios escritos por autoridades do ensino. (2001, p.81).

Para realizar este trabalho serão utilizados documentos ligados à história do CERENEPE, como a sua ata da assembléia de fundação, estatuto da instituição neste momento, relatórios, relação dos primeiros inscritos neste centro, declaração onde esta é considerada utilidade pública pela prefeitura e registros que serão utilizados de forma crítica, pois desta forma serão monumentos. Como nos diz LE GOFF:

A concepção do documento/monumento é, pois, independente da revolução documental, e entre os seus objetivos está o de evitar que esta revolução necessária se transforme num derivativo e desvie o historiador do seu dever principal: a crítica do documento - qualquer que ele seja - enquanto monumento. O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo e ao historiador usá-lo cientificamente, isto é, com pleno conhecimento de causa. (2003, P. 535-536).

Outro instrumento de análise nesta pesquisa será o uso das fontes orais, que “tem-se revelado um instrumento importante no sentido de possibilitar uma melhor compreensão da construção das estratégias de ação e das representações de grupos ou indivíduos em uma dada sociedade” (FERREIRA, 1994, p. 12). Assim poderei compreender melhor e com detalhes os acontecimentos da época de fundação desta instituição, através dos relatos com fundadores e funcionários, que presenciaram e viveram este momento. Como um respaldo para a análise desta fonte serão utilizados autores como FERREIRA (1994) e WERLE (2002) além de THOMPSON (1992). Como afirma WERLE (2002, p. 26) “Para a história das instituições escolares muito contribuem os relatos orais, cuja base é a memória. Narrativas orais, realizadas por meio de entrevistas, são momentos de encontro, escuta, troca em que a memória desempenha papel importante”. Mas esta será utilizada levando em conta também que:

O historial das instituições educativas está, em regra povoado, de representações e memórias contraditórias e algumas mesmo de sentido contrário, mas que constituem para o historiador um estímulo ao questionamento e uma boa aproximação ao clima e aos contextos em que foram tomadas e assumidas designadamente certas decisões estratégicas. (MAGALHÃES, 1998, p. 64)

Estes diferentes tipos de fontes serão cruzados, pois segundo LOPES e GALVÃO (2001, p.93) “Quanto mais se dispuser de uma pluralidade de documentos,

mais possibilidades se têm de melhor explorá-los, compreendê-los e produzir conhecimento sobre o tema de pesquisa”.

Alguns aspectos históricos de como se deu a discussão sobre a educação dos alunos com necessidades especiais serão abordados no decorrer deste artigo evidenciando desta forma de que maneira este tema foi debatido ao longo dos tempos, e que contribuições para a educação surgiram a partir destes debates. Nesta perspectiva serão utilizados autores como DUNN (1971) e MAZZOTA (1982 e 1987), que trazem aportes teóricos bem ricos para os estudos nesta área da educação, por apresentarem teorias, pesquisas e também documentos referentes aos estudos dos “excepcionais”.

Com o auxílio destes referenciais, dos documentos proporcionados pela escola, e através das fontes orais que conseguir encontrar, penso que será possível reconstruir o início da Escola CERENEPE, através do meu olhar de pesquisadora e assim de certa forma contribuir para o campo dos estudos em História da Educação e principalmente para que esta pesquisa possa, futuramente, servir para novas reflexões e novas críticas acerca do tema tratado.

O que se discutia sobre educação especial no momento de fundação do CERENEPE

Como o presente estudo visa abordar a história de uma instituição de ensino para crianças especiais, considera-se importante perceber alguns aspectos relevantes da educação de alunos com deficiência mental, em meados da época em que a instituição em questão foi fundada, mesmo que de início, a mesma não oferecer este tipo de orientação aos que ali freqüentavam. Já que em 1965, ao iniciar suas atividades, o CERENEPE não tinha em sua proposta oferecer serviços educacionais aos seus alunos, em 1968, esse passou a ser mais um serviço oferecido por esta instituição.

Nas bibliografias consultadas para o presente estudo, o deficiente mental é dividido em dois grupos o primeiro chamado retardados mentais educáveis e segundo de retardados mentais treináveis, estas denominações foram estabelecidas tendo como base os testes de QI. Desta forma segundo DUNN (1963, p.7):

Os retardados mentais educáveis têm sido definido como possuidores de QI entre 50 e 75, aproximadamente, e destinados a ter, ou já tendo, dificuldades na aprendizagem escolar. Os limites do QI para esse grupo estão sendo recalculados como oscilando entre 60 e 80. À medida que seu desenvolvimento intelectual se aproxima de oito a doze anos de maturidade, geralmente começam a possuir capacidade de ser alfabetizados. Muitos deles tornam-se social e economicamente independentes quando adultos. Os retardados mentais treináveis, por seu lado, têm sido definidos como possuidores de QI entre 30 e 50, mas estes limites também estão sendo recalculados em 40-60. Quando adultos, sua idade mental aproximam-se de quatro a oito anos; por isso, espera-se que apenas possam desenvolver habilidades elementares de cuidados pessoais, socialização e comunicação oral, mas que nunca consigam alfabetizar-se. Este grupo necessitará de ajuda social e proteção, por toda a vida. No entanto, muitos deles são capazes de desempenhar tarefas úteis no lar ou num ambiente protegido, e alguns podem obter emprego. Raramente eles se casam.

No caso desta pesquisa trataremos apenas da educação para os retardados mentais treináveis, pois, este era o público atendido pela instituição em questão. O mongolismo (Síndrome de Down) segundo DUNN(1963) é o tipo clínico mais comum de deficiência, mas existiam outros tipos clínicos nesta categoria como a Hidrocefalia, microcefalia e a paralisia cerebral. Como acreditava-se que retardados mentais treináveis precisariam de ajuda por toda vida, o objetivo dos programas educacionais para estes eram o de desenvolvimento de habilidades mínimas, necessária a vida, como cuidados pessoais e habilidades sociais, motoras e ocupacionais, ou seja, não se buscava e não se propunha nada a mais aos alunos. Como descreve DUNN (1963, p. 111):

Entre as habilidades de cuidado pessoal encontram-se: alimentar-se, vestir-se, arrumar-se, lavar-se, enfeitar-se, escovar os dentes, usar o lenço, concluir tarefas e seguir instruções. Entre as habilidades sociais estão: consideração com os outros, obediência a regras, cortesia etc. As habilidades motoras compreendem: andar, correr, trepar, saltar, marchar, dançar, arremessar, pegar, manipular, comer, usar os músculos dos dedos, dos braços, brincar sozinho e em grupo. Outras habilidades recomendadas para o desenvolvimento são a discriminação visual e auditiva; o falar, o uso dos termos aritméticos simples, como: todos, acima e abaixo; contagem de cor, leitura do próprio nome, participação em atividade musical. As habilidades ocupacionais compreendem: levar recados, varrer, tirar o pó, pôr a mesa, lavar e enxugar louça, lavar e passar roupa, costurar, arrumar a casa, usar ferramentas, telefonar e andar nas zonas residenciais da comunidade.

Em 1961 foi criada a LDB- Lei de Diretrizes e Bases que no artigo 88 estabelece que: "A educação de excepcionais, deve, no que for possível, enquadrar-se no sistema geral de educação, a fim de integrá-los na comunidade". Mas sem uma organização curricular, administrativa e disciplinar não seria possível essa

integração, ou seja, a lei foi feita, mas não se criou meios para que esta fosse aplicada. Como aponta MAZZOTA (1987, p.4):

A educação especial, proporcionada aos alunos deficientes mentais educáveis e treináveis nas redes oficiais e particular, tem-se desenvolvido sem parâmetros técnicos e legais coerentes e claramente definidos. Tal situação tem contribuído para o aumento da complexidade do trabalho em educação especial e, de certa forma, prejudicado um grande número de alunos, pela indefinição da estrutura do atendimento que lhes está sendo proporcionado ou que se lhes pretende proporcionar. Apenas alguns aspectos da organização didática ou curricular, há apenas normas de caráter geral, tornando imprecisa e árdua a sua operacionalização.

Desta forma o ensino do excepcional estava garantido pelo governo na forma de ensino regular e também pelo ensino especial que poderia ser suplementar feito pelo professor, e também podia ser encaminhado para a classe especial ou escolas especiais. Como aponta MAZZOTA(1987, p.380):

Diferentes opções de recursos educacionais, desde escolas especiais até a integração total, devem estar disponíveis para cada criança, uma vez que cada uma em cada momento pode precisar de um recurso diferente. Nas decisões sobre a educação escolar de deficientes mentais educáveis, ou de quaisquer outros alunos, é imperioso ter em mente que a criança não pode ser vista como um centro dos fracassos escolares e é fundamental que se conte com os mais variados tipos de situações de ensino: convencional, alternativo e especial.

Como surgiu o Centro de Reabilitação Neurológica de Pelotas

Segundo o relato prestado pela fundadora e ex-diretora do CERENEPE, Yeda Pereira, a idéia de formar o CERENEPE começou em torno de um tratamento novo, “*audacioso polêmico médico e científico*”. Mas que prometia grandes avanços para seus filhos. Em Porto Alegre um grupo de pais já havia conhecido o tratamento e já estavam o aplicando quando um grupo de cinco famílias aqui de Pelotas que tinham filhos com deficiência mental, foram atrás do recurso em Porto Alegre. Ali no CEREPAL, Centro de Reabilitação de Porto Alegre, eles aprenderam técnicas, conheceram o médico que desenvolvia esse trabalho e nesse lugar as cinco famílias se conheceram e trouxeram este modelo de reabilitação para Pelotas, e começaram suas atividades, primeiramente em suas próprias casas.

Este método revolucionário aplicado no CEREPAL, era o Método Doman, criado pelo Dr. Glenn Doman, na Filadélfia nos Estados Unidos e trazido para o Brasil pelo Dr. Raimundo Veras que procurou este método após seu filho sofrer um

acidente e precisar de tratamentos especiais. Assim veras fundou o Instituto Nossa Senhora da Glória, hoje Instituto Veras, no Rio de Janeiro. Após Veras começou a difundir este método, então ele veio a Porto Alegre e orientou os interessados. Outros médicos aprenderam também e o difundiram.

O método propunha exercícios padronizados que tinham que ser executados por 5 pessoas ao mesmo tempo (4 nos membros e 1 na cabeça). Por isso o centro desde o início de suas atividades exigia um grande grupo de pessoas auxiliando, e desta forma para sua realização era preciso um espaço amplo também. Então antes do CERENEPE funcionar na Maçonaria, ele esteve em uma casa emprestada por uma amiga de Yeda Pereira durante três meses na rua Antônio dos Anjos.

Mas nessa época já havia mais pessoas participando do centro, então um dos pais conseguiu com o venerável João Gastal, um prédio da Maçonaria na rua Andrade Neves- Loja Maçônica fraternidade n°3.

“Na Maçonaria tinha o zelador e maçom Arthur Rocheford, que cuidava do local, ele foi um anjo da guarda. Toda hora chegava mais gente, no fim a gente tomou conta do salão, depois ocupamos uma sala ao lado, escura de exercícios de visão, depois outra para o exercício de marcha e ele sempre ajudou. Só não ocupamos o templo. Valorizo de mais quem nos ajudou, ali tinham muitos voluntários, foi muito interessante.”

Como crescia o número de alunos, pois conforme a relação de clientes matriculados, que constavam 23 alunos², e com o número de famílias interessadas aumentando, era preciso, desta forma, de mais recursos, então *“resolvermos fundar o CERENEPE no dia 02 de outubro de 1965”*. Para DUNN(1963, p.24):

As escolas especiais têm, muitas vezes, exercido a liderança pelo pioneirismo em métodos e recursos para a educação e cuidado de seus alunos. Realizam pesquisas de valor para profissão e mantêm a primazia da manutenção de serviços para atendimento a excepcionidades secundárias de seus alunos. Os dois principais problemas deste tipo de escola são: o isolamento das crianças comuns, durante o período de aula, e o tempo que muitos alunos perdem, todos os dias, na condução, pela manhã e a tarde.

Relação de alunos matriculados em 1965 : Renato Eifler, Sandra Pereira, Regis Vargas, Rosi Araújo, Arthur Heidrich, Iolanda Pereira, Renato Almeida, Cássio Faria, Maria Torres, Heloisa Lima, Everton Sanchez, Marcelo Siqueira, Fernanda Freitas, Rubens Tavares, José Aguiar, Mauro Quevedo, Paula Scholl, Luiz Costa, José Silva, Renato Duarte, Glauca Fossati, José Coelho e Analuci Lopes.

“As preliminares, uma reunião com os pais para tratar da fundação, isso aconteceu na escolinha de arte Ruth Blanck- eu dava aula lá. Foi a reunião decisiva para fundar o CERENEPE, neste dia foi decidido o nome ... e tudo”.

Segundo ata da assembléia de fundação do Centro de Reabilitação Neurológica de Pelotas, no dia dois de outubro de 1965, às vinte horas e cinqüenta minutos no prédio à rua Marechal Floriano 178, na cidade de Pelotas foi levada a efeito a Assembléia de Fundação do Centro de Reabilitação Neurológico de Pelotas, visando a organização de uma entidade civil, dedicada ao trabalho de reabilitação de crianças portadores de lesões cerebrais.

Teve início a sessão, assumindo a presidência da mesma, por aclamação da assembléia, o Dr. Reny Franck, que convidou para secretariar os trabalhos, o Dr. Mário Vargas. De imediato, passou o presidente a abordar o assunto proposto, dizendo das finalidades da entidade a ser fundada, ficando deliberado que a mesma se faria nos moldes do Centro de Reabilitação de Porto Alegre, entidade com objetivos idênticos aos cogitados pelo grupo reunido. Foi assentado que o método de reabilitação a ser empregado, seria o Programa Doman, utilizado pelo “Rehabilitation Center at Philadelphia”, de Filadélfia, Estados Unidos da América do Norte, e orientado no Brasil pelo Dr. Raymundo Veras, diretor do Centro de Reabilitação Nossa Senhora da Glória, na Guanabara.

Na Assembléia foi apresentado o anteprojeto dos estatutos, sendo posto em discussão e votação pela assembléia que, após algumas alterações, levou-os à aprovação.

Após foi eleito entre os membros ali presentes o primeiro Conselho Deliberativo³ e a seguir foi apresentada a chapa para eleição da primeira diretoria⁴, sendo esta aprovada por unanimidade e levada à posse nos momentos seguintes.

Da maçonaria a diretoria foi procurar um lugar maior para a realização de suas atividades, então alugaram a antiga casa das irmãs Carmelitas, na Marcilio Dias, foi funcionando neste local que foi aprovado pela Câmara Municipal, e

³ Que ficou constituído do Dr. Reny Franck, Joaquim de Freitas, Dr. Mário Vargas, Hedy Torres, Sérgio Siqueira, Milton Martins de Lima, Néelson Sanchez Pereira, Geraldo Faria, Josué Almeida, Ivon Luiz Pereira, Emílio Eifler, João Daroi Araújo e Antônio Marques Pereira.

⁴ Assim constituída: Presidente: Dr. Reny Franck, vice-presidente: Hedy Torres, primeiro secretário: Dr. Mário Vargas, segundo secretário: Geraldo Faria, primeiro tesoureiro: Milton Martins de Lima, segundo tesoureiro: Ivon Luiz Pereira, diretores: Nelson Sanchez Pereira, Josué de Almeida, Joaquim de Freitas e Emílio Eifler.

sancionada e promulgada a lei que declara o CERENEPE como utilidade pública, pelo prefeito da cidade de Pelotas Edmar Fetter no ano de 1966.

A casa das irmãs carmelitas se encontrava em péssimas condições segundo as palavras de Yeda Pereira a casa estava “*detonada*”, já que estava abandonada há muito tempo. Então os pais dos alunos ajudaram a arrumar “*fizemos um mutirão*”. Após um ano neste endereço, a escola passou a alugar a casa da Família Cica, na Santos Dumond, esquina Bento Gonçalves, nesta eles ficaram por 13 anos, até o CERENEPE em 1980 conseguir um convênio com o ministério, para comprar uma sede, que se situava na Santa Tecla esquina com Antônio dos Anjos, e nesta sede funcionava todo atendimento, médico, assistencial, educacional e cultural que era prestado pela escola, segundo seu primeiro estatuto(1965) e nas ruínas da Igreja da Luz a professora de artes Iara Conceição, começou a desenvolver a oficina do CERENEPE, que após funcionou em uma casa alugada em frente a sede própria. Segundo DUNN(1963, p. 125):

Essas oficinas, geralmente, atendem a retardados treináveis e a outros adolescentes e adultos incapacitados. Os programas de trabalho compreendem a prestação de serviços para indústrias, a produção de artigos para venda e a restauração de objetos danificados. O sucesso desses centros demonstra que os retardados mentais podem apresentar produtividade em ampla variedade de empregos, quando se lhes proporciona proteção. Tudo indica que essas instituições se desenvolverão nos anos vindouros. Elas não só proporcionam trabalho, mas também diversão, orientação para o jovem retardado e seus pais e, ocasionalmente, alojamento.

Deste prédio, após muitos esforços, o CERENEPE foi para sua sede atual na rua Zola Amaro 318, os detalhes desta transição ainda não estarão expostos no presente artigo, pois os documentos e os relatos de Yeda Pereira neste momento da trajetória do CERENEPE, ainda não foram analisados.

Considerações finais:

Conforme afirmado este texto é o início de uma pesquisa que visa reconstruir a gênese da trajetória do Centro de Reabilitação Neurológica de Pelotas.

Este teve como objetivo analisar os fatores que contribuíram para que esta instituição fosse criada, bem como também pensar na forma como esta condição, de deficiente mental, era pensada e representada pelos homens na sociedade e

principalmente na educação dos mesmos, no determinado momento histórico abordado.

Como é uma pesquisa inicial alguns aspectos importantes da formação desta instituição não foram abordados profundamente, e algumas questões inquietantes como o porquê da criação de uma instituição como esta, ser criada neste momento, se já havia em Pelotas uma APAE, que era voltada ao mesmo atendimento e também qual a relação existente entre a Maçonaria e o CERENEPE, que ainda não foram respondidas, pois, as informações coletadas até o momento não suficientes para responder essas questões.

Mas pelo que já foi possível responder percebe-se que esta instituição teve uma grande importância para comunidade Pelotense, e que esta apesar das diversas dificuldades que teve para que conseguisse prestar seus serviços conseguiu superá-las e desenvolver seu trabalho.

Desta forma pretende-se continuar esta pesquisa para que estes e outros questionamentos que surgirem possam ser pesquisados e refletidos.

Bibliografia:

AMARAL, Giana L. O Gymnásio Pelotense e a Maçonaria: Uma face da História da Educação em Pelotas. 2ºed. Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

DUNN, Lloyd M. *Crianças Excepcionais: Seus problemas – Sua Educação*. Rio de Janeiro: AO LIVRO TÉCNICO S.S., 1971.

FERREIRA, Marieta M. *Entre-Vistas: abordagens e usos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 5ºed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

WERLE, Flávia. História Das Instituições de que se fala? in: LOMBARDI, José Claudinei; NASCIMENTO, Maria Isabel Moura (orgs). *Fontes história e historiografia da educação*. Campinas: Autores Associados: HISTEDBR. Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). Palmas: Centro Universitário Diocesano do Sudoeste do Paraná (UNICS). Ponta Grossa: Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG), 2004. (Coleção Memória da Educação).

LOPES, Eliane M. T. GALVÃO, Ana M. O. *História da Educação*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001.